

A CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DA MASCULINIDADE EM UMA PRÁTICA DE LETRAMENTO DIGITAL

Thayse FIGUEIRA GUIMARÃES¹

(...) Mais do que o texto, portanto, parece-nos importante a chave de sua leitura, a rede que Menocchio interpunha entre ele e a página impressa... essa rede, essa chave de leitura, remete continuamente a uma cultura diversa da registrada na página impressa: uma cultura oral. (GINZBURG, 1987, p. 72)

RESUMO: As grandes mudanças na contemporaneidade têm despertado o interesse acerca das questões que envolvem discurso, identidade e sociedade. Vivemos em uma época em que teorizar questões linguísticas envolve perpassar o modo como vivemos nossa vida social e como criamos inteligibilidade sobre ela. Dessa forma, com base na perspectiva de letramento como prática social, este trabalho focaliza a construção do letramento no ciberespaço mais precisamente numa interação *on-line* com o objetivo de entender como os participantes daquela prática, ao mesmo tempo em que aprendem o que conta como válido ali, (re)constroem suas identidades de gênero e sexualidade. Como base teórica, além de uma visão de letramento como prática social (STREET, 1995; KLEIMAN, 1995), evoco, também, a natureza constitutiva do discurso (CLOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999), a visão discursiva das identidades sociais (MOITA LOPES, 2003), o papel dos posicionamentos interacionais (DAVIES; HARRÉ, 1990) e a força das pistas de contextualização nos eventos discursivos

¹ Programa Interdisciplinar em Linguística Aplicada da Faculdade de Letras da UFRJ, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. thayseguimaraes@yahoo.com.br

(GUMPERZ, 1998). Com base nesse aparato, analisarei um pequeno trecho de uma interação que aconteceu no *MSN Messenger* e por fim tecerei algumas considerações sobre a relação letramento e construção da vida social.

PALAVRAS-CHAVE: Letramento. Prática social. Sexualidade. Gênero. Masculinidade. Ciberespaço. Discurso.

Letramento como prática social

O fenômeno do letramento, quando invocado tradicionalmente, dificilmente extrapola os aspectos cognitivos e o processo de decodificação do texto (BLOOME, 1993; STREET, 1995). O que importa aqui, em termos gerais, é a competência individual necessária para o sucesso na escola (KLEIMAN, 1995) e, para isso, focalizam-se nos estudos dos processos de leitura e escrita dos indivíduos, nas habilidades de produção e interpretação de textos, nas habilidades de perceber um texto no seu aspecto visual tomando a escrita como um produto completo em si mesmo, ou seja, o significado de um texto seria pré-dado ao ato de leitura. Assim, letramento e escolarização se dariam simultaneamente, já que a maior agência de letramento, em quase todas as sociedades, é a escola, e sua preocupação está numa única prática de letramento, a alfabetização (GRENN et al., 1994; KLEIMAN, 1995). Esse modo de pensar as práticas de letramento está baseado em um modelo conhecido como autônomo (STREET, 1995). Nessa perspectiva, o foco está no que a leitura é, ou como o próprio nome ecoa, “o que a letra é”, ou seja, a “letra é a chave para decifrar um mundo pré-dado àquele contexto, de modo que ser letrado é saber “revelar este mundo existente “por trás das letras”. Letramento, então, é construído como uma habilidade de ser letrado, no sentido de ter uma competência cognitiva e de decodificação de textos escritos (STREET, 1995; KLEIMAN, 1995). Contudo, o modo como introduzo meu posicionamento em relação ao conceito de Letramento parte de um questionamento que Carlos Ginzburg (1987) evoca ao tratar de Menocchio, um moleiro do século XVI que teve acesso a uma série de livros que o fizeram interpretar de uma outra maneira a realidade que o envolvia, desafiando o catolicismo a partir de possíveis conversas que tivera sobre os textos, ou melhor, no encontro da página escrita com a cultura oral. Ginzburg (1987) se envolveu no questionamento sobre que textos Menocchio leu e em que conversas esteve engajado que o levaram a ser quem era. Esse questionamento é o que constrói a percepção de letramento defendida neste trabalho, uma visão que abandona a ideia de letramento em termos de habilidades

e competência (MAYBIN; MOSS, 1993) e olha para o que a leitura faz (MOITA LOPES, 2005). Olha não para o texto em si, mas para as “redes interpretativas que o envolvem, sobretudo no que se refere ao modo como as pessoas se constroem e ao mesmo tempo definem os significados dos textos nas interações em torno do mesmo.

Letramento, neste caso, “envolve mais do que processo de leitura e escrita, envolve também processos comunicativos (GREEN et al., 1994, p. 125, tradução nossa). Portanto, oralidade é parte constitutiva do letramento e este é sempre um processo contínuo de (re) criação que só encontra estabilidade no contexto social, já que toda a linguagem é “situacionalidade”, no sentido de que, ao usarmos a linguagem, o fazemos sob uma particular contingência cultural, histórica e institucional (STREET, 1995; HALL, 1998; MOITA LOPES, 2005). Letramento é, assim, um evento social situado (MOITA LOPES, 2002; STREET, 1995; BLOOME, 1993; BLOOME; BAILEY, 1992; MAYBIN; MOSS, 1993; LEMKE, 1995; GILBERT, 1997; BRICE HEALTH, 1994), uma prática que se refere à produção de significados (STREET, 1995), que, por isso, envolve também a construção do mundo social. Entender o letramento como relacionado à produção de significado nos convoca a pensar no que a leitura faz, ou seja, pensar o letramento como uma prática discursiva situada, que envolve os modos de fazer sentido tanto na fala quanto na escrita, uma força que é ao mesmo tempo material e política, em outras palavras, de ação no mundo social (LEMKE, 1989; STREET, 1995). Assim, pensar em práticas de letramento é pensar antes nos sujeitos dos atos letrados e nas práticas sócio-históricas de quem vive como participantes daquele evento (MOITA LOPES, 2005). Tais práticas estão intrinsecamente ligadas ao modo como construímos nossas identidades, porque se relaciona com o fato de, ao nos envolvermos nos eventos dos atos letrados, estamos também nos envolvendo em ações constitutivas de significados sobre nós mesmos e sobre o mundo social (MOITA LOPES, 2005).

Essa visão está ligada a um modelo ideológico de letramento (STREET, 1995; KLEIMAN, 1995), que focaliza práticas de letramentos, no plural, já que eles são socialmente e culturalmente determinados. Ou seja, nenhuma definição pode capturar a gama de ocorrência de letramentos diários. Cabem, aqui, questionamentos como: O que conta como letramento em determinado evento social? Em que “redes interpretativas” os participantes de um evento se localizam? O que é válido naquele contexto? Como construímos nós mesmos e os outros nas conversas em que nos engajamos? Fica claro, assim, que letramento é um processo

dinâmico, dependente da comunidade (BLOOME, 1983) e de suas práticas discursivas onde os indivíduos estão num processo contínuo de se (re)construírem como membros em um grupo social (GREEN et al., 1994).

Dessa forma, para um estudo sobre letramento e sobre como nos tornamos letrados em um determinado evento social, precisamos “examinar como membros de um grupo social e cultural (re)constróem o letramento como parte da vida diária (GREEN et al., 1994, p. 125, tradução nossa). Pensar no letramento como prática social, ou seja, como prática situada, não se desassocia do movimento de se tornar membro de um grupo social, que se dá via práticas discursivas. Engajar-se nessas práticas tem a ver com as ações de saber pertencer a uma comunidade e de se construir identitariamente nela.

Com base nessa premissa, meu objetivo, neste trabalho, é examinar como os participantes, ao se envolverem em uma prática de letramento, ao mesmo tempo em que aprendem o que conta como válido ali, (re)constróem suas identidades de gênero. A prática de letramento focalizada se refere a um evento interacional *online*, mais especificamente, o *MSN Messenger*,² onde os participantes, ao se engajarem naquela prática discursiva, estão também reafirmando os significados que constroem a masculinidade hegemônica.

Para tal ação, além da visão de letramento como prática social, evoco também os seguintes construtos teóricos: a natureza constitutiva do discurso (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999; MOITA LOPES, 2002), a visão discursiva das identidades sociais (MOITA LOPES, 2003), o papel dos posicionamentos interacionais (DAVIES; HARRÉ, 1990; MOITA LOPES, 2006) e a força das pistas contextuais na construção de um evento discursivo (GUMPERZ, 1998). Inicialmente, antes de tecer maiores comentários sobre esses outros construtos teóricos, gostaria de convidá-los a uma reflexão sobre práticas de letramento e sobre a construção de comunidades de práticas no ciberespaço.

A construção do letramento no ciberespaço

A visão de letramento como prática situada nos faz entender que a necessidade de estudar os efeitos do Letramento envolve mais que o processo de

² O *MSN Messenger* é um programa de mensagens instantâneas criado pela *Microsoft Corporation*. O programa permite que um usuário da Internet se comunique com outro que tenha o mesmo programa em tempo real, podendo ter uma lista de amigos “virtuais” e acompanhar quando eles entram e saem da rede.

leitura e escrita. Envolve também a análise das práticas discursivas em que nos engajamos e a análise das comunidades de prática (WENGER, 1998), onde somos participantes na construção de sentido. Para Wenger (1998), o conceito de comunidade de prática está relacionado com um fazer algo em um contexto sócio- histórico que dá estrutura e significado ao que fazemos, através de um engajamento mútuo. As práticas de uma comunidade incluem as atividades sociais através das quais a linguagem ou comunicação é produzida e o modo como essas atividades, por serem habituais, tornam-se institucionalizadas em ambientes ou domínios que estão em processo de trocas com outros domínios sociais, políticos e culturais mais amplos. Entender o que conta como letramento em um ambiente ou domínio está ligado a saber pertencer a uma determinada comunidade de prática. Nessa visão, letramento é “um fenômeno que é situacionalmente definido dentro e através de diferentes grupos (GREEN et al, 1994, p. 124, tradução nossa), assim o grupo do qual somos participantes define o que conta como letramento e evoca ações letradas. Por exemplo, no ciberespaço (LÉVY, 1999), ou seja, um ambiente de interação *on-line*, mais especificadamente aqui, o *MSN Messenger* sugere uma gama de ações que nos permitem ser ou não pertencentes àquela comunidade de prática. Criar significado em um ambiente *on-line* exige a movimentação de um aparato de sentidos que nos faz entender o modo como os significados do mundo global são construídos na *web*, para isso devemos saber criar sentidos em uma interação dita multimodal (COPE; KALANTZIS, 2000). A construção de discursos multimodais refere-se à hibridização dos discursos (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999), de modo que são vários os tipos de textos que se movimentam ao mesmo tempo na construção do significado, apagando fronteiras entre o escrito e o oral, entre o que é da “ordem tecnológica” e o que é da “ordem da vida” como é o caso dos *sites* e programas de interação *on-line*, onde existe uma mistura entre o que “real” e o que é virtual, entre o que é da ordem do humano e o que é a máquina entre o que é público e privado etc. Saber criar sentido sobre aqueles textos envolve saber fazer parte daquela comunidade de prática.

Ao tomar o ciberespaço como uma comunidade de prática, podemos também caracterizá-lo como um novo espaço cívico (COPE; KALANTZIS, 2000), já que envolve um espaço para negociação de diferentes tipos de ordem social, de diferentes práticas de letramento que são negociadas na construção do significado.

Caracterizo esse novo espaço cívico como um contínuo de eventos de letramentos, isto é, de eventos de saber pertencer àquela comunidade de prática e

entender que escolhas são feitas no “potencial de significação na construção de si e do outro ali. Tais práticas estão inteiramente relacionadas às redes interpretativas que contribuem na construção de nossas identidades. Assim, há uma interdependência entre redes interpretativas, letramento e identidades, já que se tornar letrado é “um modo de construir identidades sociais específicas situadas em determinadas práticas de letramento ao nos envolvermos nos discursos que circulam em tais contextos, ao aprendermos o que é ser letrado (MOITA LOPES, 2005, p. 49).

Discurso, Letramento e a construção do gênero e da masculinidade

Com base nessa interdependência é que, ao evocar práticas de letramentos, não podemos deixar de falar sobre discurso e construção da vida social. A visão de discurso que perpassa este trabalho está relacionada à natureza constitutiva do mesmo. Sob essa premissa, compreendemos que os discursos diários que nos circulam não só reproduzem o mundo social, mas nos constroem como atores sociais de um evento situado (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999; MOITA LOPES, 2002), ou seja, constroem também as redes interpretativas nas quais estamos imersos. Assim, os discursos que circulam em nossas práticas sociais, tais como aqueles da mídia, da Internet, das instituições familiares, são de grande importância na construção e reconstrução dos significados que construímos em um evento social. É nesses eventos que aprendemos a construir significados que assegurarão nossa participação na vida social, que nos ensinarão o que conta como letramento num contexto social (GREEN et al., 1994; STREET, 1995; MOITA LOPES, 2005).

É impossível pensar em discursos ou em práticas de letramento sem focalizar os sujeitos envolvidos no contexto específico, porque “todo ato discursivo se dirige a alguém e toda prática discursiva está situada no mundo sócio-historicamente e culturalmente (MOITA LOPES, 2003). Dessa forma, pensar a situacionalidade e alteridade discursiva é central para compreendermos o modo como, ao nos engajarmos em práticas de letramento, o fazemos sob pares de óculos sócio-históricos que nos ensinaram a atribuir significados sobre um evento social. Podemos invocar novamente Menocchio. Segundo Ginzburg, o modo como Menocchio lia os textos devia ser entendido em suas redes interpretativas que “é de longe mais importante que a fonte (GINZBURG, 1987, p. 82). Assim, há uma relação intrínseca entre “redes interpretativas e práticas discursivas, em outras

palavras, os significados do mundo social são produtos das práticas discursivas, nas quais estamos imersos cultural e sócio-historicamente.

Tais práticas evocam construção de identidades sociais, já que é discursivamente que nos construímos como membro de um grupo social, assumindo sentidos sobre nós mesmos e sobre os outros. No caso de Menocchio, este construía uma identidade social que transgredia as tradicionais bases religiosas da comunidade da qual fazia parte, porque participava de outras teias de significações sobre os textos lidos, ou seja, Menocchio, ao se engajar nas leituras de textos canônicos, o fazia sobre outras redes de significações que o permitiam se envolver em uma outra forma de pertencer e criar sentido naquela comunidade, diferente do que se esperava de um simples moleiro. Dessa forma, podemos nos questionar novamente: sob que “redes interpretativas” Menocchio esteve envolvido ao construir uma identidade que transgredia os significados mais macros de uma época?

O caráter discursivo das identidades sociais (MOITA LOPES, 2003) nos permite entender o motivo por que estão na ordem do dia. As grandes mudanças culturais, sociais, econômicas, políticas e tecnológicas que caracterizam a contemporaneidade permitem o surgimento de novos discursos, que permitem modos mais fluidos e menos aprisionadores de experimentar a vida social, contribuindo na construção de nossas identidades sociais. Sabendo que as identidades sociais são construídas sócio-historicamente nos discursos em que nos engajamos (MOITA LOPES, 2003), uma simples conversa informal merece ser levada a sério em qualquer tentativa que defina o que é ser homem, mulher, metrosssexual, negro, branco, heterossexual, gay etc. Quero deixar claro que, por evocar as identidades sociais como um construto de natureza social, como construída discursivamente, não estou compartilhando uma visão de identidade como essência, ou parte da natureza da pessoa. Desse modo, ao falar das identidades não estou querendo revelar uma essência do que é ser homem, mulher, branco, negro, metrosssexual, heterossexual etc. que se esgota em si. Pelo contrário, essas identidades são fluidas, dinâmicas e construídas no *aqui e agora* discursivos.

Em qualquer evento pessoas estão definindo e redefinindo suas identidades e relacionamentos sociais (GOFFMAN, 1998). Partimos dessa premissa para situar este trabalho. Assim, em uma prática de interação *on-line*, não estamos somente aprendendo o que conta como válido, no sentido de direitos e obrigações daquele espaço. Estamos também construindo nossas identidades e mais especificadamente, aqui, nossa identidade de gênero, já que práticas de letramento envolvem tornar-se membro de um grupo social, ao mesmo tempo em que nos construímos identitariamente ali (MOITA LOPES, 2005).

Essa imbricação não nos permite olhar as práticas sociais sem entender como essas estão entrelaçadas a práticas linguísticas. Assim, para entendermos a construção do gênero e da masculinidade numa prática de interação no *MSN Messenger*, precisamos olhar para as práticas discursivas que acontecem ali.

Ao nos engajarmos em práticas discursivas, estamos construindo o outro e nos construindo, ao mesmo tempo em que ele nos constrói (DAVIES; HARRÉ, 1990). Esse modo de entender a construção identitária, como intrinsecamente ligada a nossas práticas discursivas, desconstrói a visão tradicional e fisicalista de “gênero como destino” (MOITA LOPES, 2005) e remete o gênero ao âmbito discursivo. Como indica Butler (2003), estamos sempre tentando confirmar nosso gênero através de coisas que fazemos, assim, remeter o gênero ao âmbito do discurso é afirmar seu caráter performativo, no sentido de que não há uma essência sobre o que é ser homem ou mulher, somos construídos como tal nas práticas discursivas e culturais em que nos engajamos (MOITA LOPES, 2005). Vale, então, retomar alguns questionamentos iniciais e tecer outros: Em que “redes interpretativas” os participantes de um evento se localizam? Como construímos nós mesmos e os outros nas conversas em que nos engajamos? Que discursos são autorizados no potencial de significar o gênero e a masculinidade?

Esse modo de entender nossas identidades de gênero, como um fazer discursivo, entrecortam outras identidades. Assim um discurso que constrói um interlocutor como membro da masculinidade hegemônica evoca discursos que tradicionalmente também o definem como heterossexual. Ou seja, ao usarmos a linguagem, a fazemos, por exemplo, como homem, mulato, heterossexual, jovem, de classe trabalhadora etc. (MOITA LOPES, 2003). Essas identidades são frutos de um complexo de processos sociais, culturais e históricos construídos e sustentados nas relações interpessoais, ou seja, em diálogo com as práticas locais. É nessa perspectiva que podemos entender o intercruzamento entre masculinidade e relações de poder.

Vivemos em uma sociedade de base patriarcal, em que o discurso de uma masculinidade hegemônica serve como paradigma e sustentáculo para outras identidades sociais. É através das instituições e coletividades que a masculinidade hegemônica legitima e autoriza certos modos de ser, enquanto outros modos são relegados a um *status* inferior, destruídos e desautorizados. Ou seja, ao nos engajarmos em uma comunidade de prática, ao nos tornarmos letrados ali, estamos fazendo escolhas no “potencial de significar” certos modos de vida, enquanto desautorizamos outros. Tomamos essas práticas tão naturalmente, que nos esque-

ceiros de seu *status* discursivo, ou seja, de sua natureza fabricada e performada e, então, acabamos por adotar certas identidades como “naturais”, como parte da vida. Essas identidades, contudo, como afirma Gilbert (1997), não são uma realidade natural, mas sim linguística, como uma ficção, mas uma “ficção vivida” (GILBERT, 1997, p. 60, tradução nossa). Voltar a olhar para como esses discursos foram autorizados culturalmente nas histórias é um importante caminho para a desnaturalização e reconhecimento desse *status* de aparência, de *performance* das identidades sociais e das tentativas de confirmação do gênero em nossas práticas de letramento (MOITA LOPES, 2005).

Um construto teórico que poderá nos ajudar a entender o modo como sustentamos certas identidades sociais em nossas práticas de letramento é o de posicionamento interacional; trago também o conceito de pistas de contextualização para entendermos isso.

Posicionamentos e pistas de contextualização

Um caminho útil para ter acesso à construção das identidades sociais e ao modo como aprendemos a criar sentido em uma prática discursiva seria a análise dos posicionamentos interacionais. Segundo Davies e Harré (1990), o posicionamento é um fenômeno conversacional, que evoca os aspectos dinâmicos dos encontros interacionais. Uma conversa revela, através de ações conjuntas entre todos os participantes, como eles se constroem (ou tentam fazer isso) e constroem o outro em ações socialmente determinadas, isto é, nos contextos interacionais. O posicionamento não é uma entidade que existe fora do ato discursivo, pelo contrário, ao nos posicionarmos nos eventos de letramento estamos evocando uma posição de sujeito disponível no interior dos embates discursivos, ou seja, nas relações interpessoais, que mantêm diálogo com níveis mais macros, a saber, o cultural e o sócio-histórico. É nessa dinâmica que aprendemos o que conta como ação letrada nesses eventos, ao mesmo tempo em que podemos rechaçar certos posicionamentos disponíveis ali e assumir outros. Assim, a maneira como nos posicionamos em um evento de letramento é aprendida (BRICE HEATH, 1994).

O posicionamento é um construto teórico que evoca as ações da fala, indexicalização e contexto. Com relação às ações de fala, segundo Davies e Harré (1990), os significados dos atos de fala são construídos em conjunto nos contextos interacionais, dependendo do posicionamento dos interlocutores, que é produto da força social tomada em uma ação conversacional (DAVIES; HARRÉ, 1990). Nessa

perspectiva, podemos entender a força constitutiva do discurso (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999; MOITA LOPES, 2002): é na prática discursiva que os significados são progressivamente e dinamicamente construídos (DAVIES; HARRÉ, 1990), num movimento de ratificação ou negação de traços identitários, de expectativas, de possibilidades e de posições de sujeitos. Aos nos construirmos e construirmos o outro (ou tentarmos fazer isso), estamos agindo de uma posição particular, com um determinado par de óculos, os quais, segundo Wittgenstein (1996), não nos é permitido retirar. Nas práticas discursivas em que nos engajamos, estamos sempre agindo, intencionalmente ou não, de um ponto de vista que é aprendido e indexicável a significados construídos na história de nossas relações sociais.

A indexicalidade se refere àquelas posições que nos são dadas culturalmente e aprendidas no nível sócio-histórico (DAVIES; HARRÉ, 1990). Desse modo, o posicionamento é sempre contextual, no sentido de que, ao nos posicionarmos, estamos situados em níveis sócio-históricos e em nível interacional, sancionando certos posicionamentos e ao mesmo tempo rejeitando outros.

Dessa forma, o letramento, como prática situada, nos conduz a estudar um tipo de evento além de suas similaridades (BLOOME; BAILEY, 1992). Convocar a sua particularidade nos permite entender a diferença entre eventos numa mesma comunidade de prática e como esses eventos estão dialogando com contextos sociais mais amplos, ou seja, um trabalho que se propõe a estudar práticas de letramento em um ambiente virtual deve considerar o modo como os participantes se posicionam naquele contexto, no sentido de que “o contexto se constitui pelo que as pessoas estão fazendo a cada instante e por onde e quando elas fazem o que fazem (ERICKSON; SHULTZ, 1998, p.143, tradução nossa), ou seja, o contexto não se constitui somente pelo espaço físico, mas também está ligado às ações dos participantes no processo interacional, que é inseparável da cultura e de contextos sócio-históricos.

Partindo dessa premissa, os participantes de uma interação fazem uso de uma série de sinalizações, aprendidas sócio-culturalmente, para entender e interpretar o conjunto de informações que constroem nossos posicionamentos nos contextos interacionais. A esses sinais Gumperz (1998) cunha o termo “pista de contextualização”, que são, em termos mais amplos, “todos os traços linguísticos que contribuem para a sinalização de pressuposições contextuais (GUMPERZ, 1998, p. 99).

Quando nos comunicamos, engajamo-nos em uma série de ações de natureza linguística, paralinguística e não-linguística (FABRÍCIO, 2002), já que os significados nas ações letradas não são dados *a priori*, mas sim construídos discursivamente no aqui e agora interacional. No que se refere à de natureza linguística, ao nos comunicar estamos fazendo uma série de escolhas no âmbito do temático, do lexical, do registro, da alternância de código etc., essas escolhas interpenetram ações que podem ser paralinguísticas, já que o ritmo, a aceleração ou desaceleração da fala, as alterações de tom de voz, a ênfase, o alongamento, as pausas etc. também colaboram na construção do sentido, ou não-linguísticas, como gestos, posturas, expressões corporais e faciais (FABRÍCIO, 2002).

Dessa forma, a análise das pistas contextuais é um caminho útil para entendermos os posicionamentos discursivos nos eventos de letramento.

Contexto e caminho metodológico

A interação analisada foi gerada em um evento conversacional (DAVIES; HARRÉ, 1990, p. 40) que se passou no ambiente do *MSN Messenger*, onde os participantes somos eu, que me construo, na interação, como alguém engajado em práticas de pesquisa acadêmica, e Joe, um amigo que só conheço virtualmente e que se posiciona como homem heterossexual, que sabe de meu interesse em observar como as identidades sociais são construídas naquela interação. Nessa época tinha 23 anos e Joe, 35 anos. Essa interação aconteceu em maio de 2007. Dentre os motivos que a escolhi, está sua relação com o tema identidade e a construção da masculinidade hegemônica. A gravação dos dados foi feita no formato de *Word* no final de cada interação com o consentimento dos participantes.

Para análise dos dados, utilizei o seguinte caminho: após gravação da conversa, fiz uma leitura mais criteriosa para separar os tópicos temáticos e localizar as pessoas dentro da estrutura conversacional, que envolve direitos e obrigações (DAVIES; HARRÉ, 1990), ou seja, que envolve saber pertencer àquela comunidade de prática, por exemplo, saber tomar o turno e interpretar sinais paralinguísticos e não-linguísticos, como *emoticons*.³ Em seguida, analisei as interações a partir de

³ Forma de comunicação *paralinguística* e não-linguística, um *emoticon*, palavra derivada de *emotion* (emoção) + *icon* (ícone) (em alguns casos chamado *smiley*), é uma sequência de caracteres tipográficos, tais como: :) , ou ^-^ e :-); ou, também, uma imagem (usualmente, pequena), que traduzem ou querem transmitir o estado psicológico, emotivo, de quem os emprega, por meio de *ícones* ilustrativos de uma expressão facial.

um recorte, que tratava da metrosssexualidade⁴ e de como os participantes se construíam e construíam o outro ao se posicionarem discursivamente dentro do tópico tratado, tomando como base os conceitos de “ações de fala”, indexicalidade e contexto, segundo Davies e Harré (1990).

A conversa a ser analisada é parte de uma interação que se baseou em três tópicos centrais, a saber, as características, no senso comum, dos chamados *pit boys*, dos *metrosssexuais* e das mulheres. Esses diálogos partiram de notícias que foram veiculadas na mídia, mais especificadamente, no jornal impresso *O Globo*. Posso dizer que esse fenômeno conversacional partiu das “conversas sobre os textos” (MAYBIN; MOSS, 1993) que foram veiculados na mídia.

Nesta análise também utilizo as pistas de contextualização de Gumperz (1998) como uma ferramenta útil para entendermos como as pessoas agem e reagem umas sobre as outras na construção dos significados.

Análise

Com base na visão de posicionamento de Davies e Harré (1990), esta análise é feita de um ponto de vista, e este toma uma posição particular. Quem vê essa conversação e a problematiza tem expectativas claras nessa interação. Dessa forma, sendo eu quem participa e quem analisa, uma descrição de minhas expectativas é uma pista útil para entendermos os significados construídos naquele contexto.

Ao interagir no *MSN* com Joe, tenho como objetivo entender como a identidade de gênero é construída naquele contexto interacional. Desse modo, durante a interação, tento criar questões que problematizem essa temática, por isso questões como o metrosssexualismo ganham lugar de destaque. Joe também estava ciente de meu objetivo em observar como as identidades são construídas nessa interação. Assim, sabemos que ele também tinha expectativas prévias ao se posicionar ali: durante vários momentos da interação ele deixa claro seu posicionamento como entrevistado. É a partir dessas expectativas que podemos olhar os lances interacionais entre os participantes.

O fragmento analisado inicia-se com meu questionamento sobre a metrosssexualidade. Esse tópico foi trazido por mim, porque durante a conversa ele

⁴ *Metrosssexual* é um termo originado nos finais dos anos 90, pela junção das palavras *metropolitano* e *heterossexual*, sendo uma gíria para um homem heterossexual urbano excessivamente preocupado com a aparência, gastando grande parte do seu tempo e dinheiro em cosméticos, acessórios e roupas de marca.

dialogava com a temática anterior, que tratava dos homens chamados *pit boys*, caracterizados por Joe como frequentadores assíduos de academias, de lojas de roupas de *grife*, de perfumarias e de boates.

Sequência I

(...)

309 *thayse says:*

vc conhece os metrossexuais?

311 *Joe says:*

metrossexuais?

313 *Joe says:*

apesar de serem homens, tem todas as manias e frescuras por beleza que as mulheres...

315 *thayse says:*

sim

317 *Joe says:*

bom, é um outro tipo de “grupo social

319 *Thayse says:*

gostam de frequentar salão de beleza com frequência, gostam de vestir bem etc.

(...)

O restante da interação, que se refere à metrossexualidade, caracteriza-se por uma tentativa de categorizar os metrossexuais como um grupo social e pelo distanciamento que Joe mantinha desse grupo, observável através de seus posicionamentos interacionais. Contudo, como já mencionei, esta análise é um recorte, por isso centro-me nos posicionamentos construídos aqui.

Sabendo que os lances interacionais são sempre abertos e confirmados no interior dos eventos de letramento, uma gama de análises poderia ser feita ali, contudo partindo de meu objetivo e de meu olhar restrinjo-me a falar do jogo da masculinidade hegemônica, que é construído por Joe e sancionado por mim.

Trago a metáfora dos jogos de Wittgenstein (1996) para esta análise e, inicialmente, traço algumas considerações sobre o contexto que colaborou na construção do fragmento analisado. Este é o primeiro lance e se refere ao modo como os

participantes veem aquela interação, já que os significados das pistas contextuais e dos posicionamentos dependem de muitos fatores, incluindo o entendimento que os participantes têm do contexto social, do que já aconteceu e do que pode acontecer (GUMPERZ, 1998). Assim, o que percebo inicialmente, por se tratar da análise de uma prática em que os participantes se posicionam um como entrevistador e outro como entrevistado, é uma assimetria no que se refere a como os participantes se veem naquele evento social. Ou seja, durante a interação, a conversa é conduzida preferencialmente por mim, com base numa agenda ideológica que me conduziu a perguntas como a inicial “vc conhece os metrossexuais?” (linha 310). O contexto interacional me permite entender que há uma relação assimétrica de forças, onde existe a voz de um pesquisador (eu) e de um pesquisado (Joe). Essa maneira de nos posicionarmos nessa interação permite-nos compreender o significado construído a partir de uma “extensão de tipificação”⁵ Davies e Harré (1990, p. 41, tradução nossa). Ao nos posicionarmos ali como entrevistado e entrevistador, evocamos nossas experiências passadas sobre um contexto típico de uma entrevista, mesmo que esta seja bem informal, aberta no jogo da interação, como neste caso. Essa descrição nos permite entender que essa situação poderia inicialmente parecer favorável a mim, se nos atívéssemos somente à força ilocucionária.

Contudo, se olharmos para além da força ilocucionária que levaram os participantes a se engajarem naquela interação, problematizando aqueles temas, veremos que há um outro tipo de jogo na construção das relações de força. O jogo nomeado como “ordem moral imanente nos posicionamentos discursivos (DAVIES; HARRÉ, 1990) e que está ligado à criação de estereótipos identitários. A análise dos significados por extensão indexical nos ajudará a entender o movimento da construção dos significados nas ações de fala dos interlocutores (DAVIES; HARRÉ, 1990). O questionamento inicial “você conhece os metrossexuais?” (linha 310) evoca ações dialógicas entre gêneros (MOITA LOPES, 2003), já que esse é um questionamento típico que nos conduz a um posicionamento dentro de uma visão que retoma experiências que nos permitiram construir significados do que é ser homem e mulher e, neste caso, do que é ser um metrossexual. Ou seja, esse questionamento nos posiciona dentro de uma rede de ações de fala que significam o que entendemos por metrossexualidade. Joe se mostra familiarizado com

⁵ “Extensão de tipificação : quando a extensão de um significado é atributo de posicionamento que se origina de associações incorporadas a grupos de atributos pré-formados culturalmente, invocados pelo posicionamento. Metaforicamente, uma pessoa *scanning* suas experiências passadas para uma ocasião concreta, na qual, para construir uma interpretação daquele posicionamento, encontram o registro de uma ocasião típica como a de um médico/paciente (DAVIES; HARRÉ, 1990).

o termo, sendo capaz de, em vez de simplesmente dizer sim ou não, tecer a seguinte definição “apesar de serem homens tem todas as manias e frescuras por beleza que as mulheres... (linha 314), posicionando-se assim de modo ativo nas “redes de significações que construíam aquela interação e que dialogava com as outras definições construídas fora daquele contexto específico, ou seja, na cultura. Dialogava principalmente com as definições veiculadas nos meios midiáticos.

As reticências usadas no final desta linha “apesar de serem homens tem todas as manias e frescuras por beleza que as mulheres... (linha 314) funcionam como uma pista de contextualização (GUMPERZ, 1998), que evoca abertura de idéias, e esta pôde ser interpretada por mim como uma espera de confirmação desse posicionamento de Joe. Assim se nos posicionássemos dentro da mesma ordem “epistêmica”, o diálogo poderia continuar no mesmo “roteiro histórico (DAVIES; HARRÉ, 1990), ou seja, caso me posicionasse de forma parecida ao significar os metrossexuais, nossa interação seguiria pelo consenso.

O que fizemos neste pequeno fragmento poderia ser resumido como um simples jogo de categorização ou nominalização, se não fosse toda a rede de saber e poder (FOUCAULT, 1995) que conduz às ações de categorização e nominalização do outro, ou seja, ações de estereotipagem do outro. Desse modo, alguns questionamentos são importantes para que possamos entender o posicionamento dos participantes na interação. Que histórias sobre ser homem e ser mulher foram contadas aos participantes, que os permitiram iniciar essa conversa e se posicionarem com determinada identidade? Qual a relação de força existente nessas declarações que nos faz retomá-las tão “naturalmente” em nossas práticas discursivas?

Os significados construídos nas “comunidades interpretativas” por onde os participantes circularam nos permitem entender o posicionamento moral tomado ali. Assim, ao categorizar os metrossexuais como pertencentes a um universo feminino “apesar de serem homens tem todas as manias e frescuras por beleza que as mulheres... (linha 314), Joe confirma estereótipos sobre o que é ser mulher e mais contemporaneamente, sobre o que é ser metrossexual na sociedade, de significados indexicáveis a experiências passadas (DAVIES; HARRÉ, 1990).

Todo diálogo é uma reflexão e refração da história (BAKHTIN, 2003). Esse posicionamento de Joe (linha: 314) está ligado a relações sócio-históricas de saber e poder de uma sociedade patriarcal, que, num processo de construção de uma masculinidade hegemônica, relegou a mulher a um lugar inferior, subalterno, desautorizado, necessitando ser protegida e controlada pelo homem. Essa afirmação pode ficar clara se observarmos o sistema de nomeação utilizado por Joe ao construir

esse período. As palavras *manias e frescuras* que foram utilizadas para predicar tanto os metrossexuais como as mulheres são pistas contextuais (GUMPERZ, 1998) de cunho pejorativo e nos conduzem a perceber uma posição hegemônica de Joe, uma posição de quem, por estar no cerne da “normalidade e da naturalidade”, está autorizado a falar por aqueles que necessitam de ser controlados e orientados. Um questionamento que subjaz a esse raciocínio refere-se ao fato de que a metrossexualidade não seria posta em questão se fosse, por ambos os participantes, entendida como *normal*. Tanto que dificilmente, em contextos de interação semelhantes, eu perguntaria se Joe conhece um heterossexual. Fazendo uma ressalva, esse exemplo não deseja considerar a heterossexualidade em oposição a metrossexualidade, mas é somente um exemplo para esclarecer o contexto histórico que autorizou meu questionamento.

Segundo Moita Lopes (2002), o projeto da masculinidade hegemônica também envolve a participação de mulheres. Ratifico a proposição argumentativa de Joe duas vezes na interação analisada, a primeira, na linha 316, “sim”, e depois, na linha 320, “gostam de frequentar salão de beleza com frequência, gostam de se vestir bem”. Esses fragmentos nos permitem entender o posicionamento como de ação interacional, já que o que um diz posiciona o outro. Nesse sentido, ao confirmar o posicionamento de Joe, não estou só sancionando, através do consenso, o posicionamento dele, estou também me posicionando naquele contexto. Em momento algum, questioneei a posição de Joe, mas antes “naturalmente” confirmei e corroborei com mais uma carta para o “xeque-mate” da masculinidade.

Joe, ao se posicionar perante a metrossexualidade e a feminilidade (linha 314), aproximando-os, constrói-se discursivamente como pertencente à masculinidade hegemônica. Um outro fragmento dessa interação nos permite entender como Joe se posiciona com relação ao metrossexualismo, associando-o ao universo feminino. O fragmento abaixo se originou de um questionamento que fiz a Joe, se ele teria algum problema em conviver com um metrossexual, e este responde que seria um problema porque:

Sequência II

323 Joe says:

eu ja convivo com “uma metrossexual aqui

325 thayse says:

então conta sua experiência

327 Joe says:

minha irmna

329 thayse says:

irmã

331 thayse says:

como assim

333 Joe says:

ela vira e mexe adora fazer essas coisas de cabelo, chapinha, de creme

335 thayse says:

mas isso pq ela gosta de se cuidar, não

337 Joe says:

, mas as vezes é exagero

339 Joe says:

faz uma coisa um dia, no seguinte faz de novo ou desfaz

(...)

Esse fragmento nos permite perceber que, do ponto de vista da masculinidade hegemônica, o metrossexualismo é facilmente igualado à feminilidade. Durante a interação, esse posicionamento é ratificado por mim, num trabalho de criação de consenso, já que não questiono o posicionamento de Joe.

É nessas conversas cotidianas, que parecem tão insignificantes, que o outro é aprendido, institucionalizado e estereotipado. Ao aceitar o posicionamento discursivo de Joe durante toda a interação sem me re-posicionar, não fiz isso porque não estou engajada numa tentativa de desconstrução dessas práticas hegemônicas, nem porque não estou a todo o momento repensando-as, mas o que fica claro aqui é que a questão da hegemonia masculina está ligada ao que Vygotsky (1998) chama de conhecimento fossilizado. E para, ao menos enxergá-lo, precisamos ir até a raiz desses discursos, nas relações micro da ordem moral. Esse percurso nos possibilita entender que, se olharmos com outros pares de óculos para essa interação, olharmos mais de perto e imprescindivelmente olharmos à nossa volta, na história dos interactantes, ou seja, nos movimentos indexicáveis, perceberemos as relações de forças que desembocaram em tais posicionamentos.

Letramento e a construção do mundo social

O que fazemos em sonhos, fazemos acordados: inventamos e construímos a pessoa com quem lidamos para em seguida esquecer que assim o fizemos. (NIETZSCHE, 2005, p. 62)

Gostaria de finalizar este trabalho com essa máxima de Nietzsche, que pode traduzir o modo como, ao nos engajarmos em práticas de letramento, estamos também aprendendo a ser homens, mulheres, *gays*, lésbicas, heterossexuais, negros, brancos etc. e ao mesmo tempo fabricando modos de ser, formas de vida e construindo nossa percepção de realidade. Aprender a participar de um evento social envolve saber fazer parte de uma “rede interpretativa”, ou seja, uma rede de negociação, interpretação de sentidos e trocas discursivas, que não se desassocia de aprender a tomar parte de uma forma de vida. Do mesmo modo, Menocchio se engajou em conversas sobre os textos lidos que lhe permitiram uma outra identidade, diferente da esperada por um simples moleiro do séc XVI. Em outras palavras, ao ler os textos, ele se envolveu em redes interpretativas que lhe permitiram construir significados que transgrediam o pensamento católico da época. Assim, os significados que construímos estão imbricados nas redes interpretativas pelas quais navegamos e estas nos permitem um encaixamento em formas de vida naturalizadas nos contextos sociais ou um re-posicionamento no modo de significar o mundo social, possibilitando-nos “reinventar a vida”.

Neste trabalho, ao trazer esses dados para análise, problematizando as redes interpretativas que nos posicionaram naquela interação, o que desejo propor é um engajamento constante em práticas reflexivas e de desconstrução daquelas identidades sociais que ganharam alto grau de estabilidade em nossa sociedade e por isso são repetidas diariamente no interior de nossos eventos de letramento, institucionalizando estereótipos e modos de vida.

FIGUEIRA GUIMARÃES, Thayse. The construction of the male discourse in a digital literacy practice. *Revista do Gel*, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 99-119, 2009.

ABSTRACT: *Great changes nowadays have awoken interest about issues that involve discourse, identity and society. We live in a time where theorizing linguistic issues involves considering the way we live socially and how we comprehend it. Therefore, based on the perspective of literacy as social practice, this paper focuses on the construction of literacy in cyberspace more precisely in online interaction with the purpose of understanding*

how the participants of that practice, while learning what counts as valid there, (re)construct their gender identities and sexuality. In order to form a theoretical base, besides a standpoint of literacy as a social practice (STREET, 1995; KLEIMAN, 1995), I will also point out the constitutive nature of the discourse (CLOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999), the discursive viewpoint of the social identities (Moita Lopes, 2003), the role of interactional positions (DAVIES; HARRÉ, 1990) and the power of contextualization tracks in the discursive events (GUMPERZ, 1998). Based on this, I will analyze a small excerpt of an interaction taken from MSN Messenger and I will then make some considerations about the relationship between literacy and the building up of a social life.

KEYWORDS: *Literacy. Social practice. Sexuality. Gender. Masculinity.*

Referências

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BLOOME, D. Reading as a social process. In: HUTSON, B (ed.) **Advances in reading/ language research**. Greenwich, CT: JAI Press, 1983. p. 165-195.

_____. Necessary indeterminacy: Issues in the microethnographic study of reading as a social process. **Journal of Reading Research**, [S.l.], 16 (2), p. 98-111, 1993.

BLOOME, D.; BAILEY, F. Studying language and literacy through events, particularity, and intertextuality. In: BEACH, R; GREEN, J., KAMIL, M.; SHANAHAN, T. (eds.) **Multiple Disciplinary Perspectives on Literacy Research**. Urbana In: NCRE & NCTE, 1992. p. 181-210.

BRICE HEATH, S. What no bedtime story means: narrative skills at home and school. In: MAYBIN, J. (ed.) **Language and Literacy in Social Practice**. Clevedon: Multilingual Matters, 1994. p. 58-73.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e a subversão da identidade**. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CHOULIARAKI, L.; FAIRCLOUGH, N. (Eds) **Discourse in Late Modernity: Rethinking critical discourse analysis**. Edinburgh: Edinburg University Press, 1999. p. 53-73.

COPE, B.; KALANTZIS, M. Introduction: multiliteracies: the beginnings of an idea. In: _____ **Multiliteracies**. Literacy Learning and Design of Social Futures. Londres: Routledge, 2000. p. 3-37.

DAVIES, B.; HARRÉ, R. Positioning: The Discursive Production of selves. **Journal for the Theory of Social Behaviour**, [S.l.], v.20 (1), p. 43-63, 1990.

ERICKSON, F.; SHULTZ, J. O quando de um contexto: questões e métodos na análise da competência social. In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P.M. (orgs.). **Sociolinguística Interacional**: Antropologia, Linguística e Sociologia em Análise do Discurso. Porto Alegre: AGE, 1998. p. 142-153.

FABRÍCIO, B. F. Mise en abîme: o debruçar-se sobre o nada. In: _____. **Implementação de mudanças no contexto educacional**: discursos, identidades e narrativas em ação. 2002. Tese. (Doutorado em Estudos da Linguagem)- PUC, Departamento de Letras, Estudos de Linguagem, Rio de Janeiro, 2002. p. 57-105.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1995.

GILBERT, P. Discourse on gender and literacy: changing the stories. In: MUSPRATT, S.; LUKE, A.; FREEBODY, P. (eds.) **Constructing Critical Literacies**. Cresskill: N.J. Hampton Press, Inc., 1997. p. 59-75.

GINZBURG, C. **O queijo e os vermes**. São Paulo: Companhia de Letras, 1987.

GOFFMAN, E. Footing. In: RIBEIRO, B.T.; GARCEZ, P.M. (orgs.) **Sociolinguística Interacional**: Antropologia, Linguística e Sociologia em Análise do Discurso. Porto Alegre: AGE, 1998. p. 70-97.

GREEN, J. et al. Constructiong literacy in classrooms: literate action as social accomplishment. In: RUDDELL, B.; RUDDELL, M.R.; SINGER, H. (eds). **Theoretical Models and Processes of Reading**. New York: International Reading Association, Inc., 1994. p. 124-153.

GUMPERZ, J. Convenções de contextualização. In: RIBEIRO, B.T.; GARCEZ, P.M. (Orgs.) **Sociolinguística Interacional**: Antropologia, Linguística e Sociologia em Análise do Discurso. Porto Alegre: AGE, 1998. p. 98-119.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

KLEIMAN, A. **Os Significados do Letramento**. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

LEMKE, J. L. **Making text talk**. In: Theory into Practice, 28 (2) 1989. p. 136-141.

_____. Textual Politics: an introduction. In: _____. **Textual Politics**: Discourse and Social Dynamics. London: Taylor & Francis, 1995. p. 1-18.

LÉVY, P. **Cibercultura**. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

MAYBIN, J.; MOSS, G. Talk about texts: reading as a social event. **Journal of Research in Reading**, [S.l.], v.16 (2), p. 138-147, 1993.

MOITA LOPES, L.P. **Identidades Fragmentadas**: A construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002.

_____. Socioconstrucionismo: Discurso e Identidades Sociais. In: _____. (org.) **Discursos de identidades**: discurso como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, idade e profissão na escola e na família. São Paulo: Mercado de Letras, 2003. P.13-38.

_____. A construção do gênero e do letramento na escola: como um tipo de conhecimento gera o outro. **Investigações**. Linguística e Teoria Literária, [S.l.], v. 17, n.2, p. 47-68, 2005.

_____. On being White, heterosexual and male at school: Multiple positionings in oral narratives. In: SCHIFFRIN, D.; DE FINNA, A.; BAMBERG, M. (.eds.) **Identity and discourse**. Oxford: Oxford University Press, 2006. p. 288-313.

NIETZSCHE, F. **Além do Bem e do Mal**. Tradução por Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Letras, 2005

STREET, B. A critical look at Walter Ong and the 'Great Divide'. In: _____ (org.) **Social Literacies**. Critical Approaches to Literacy in Development. Ethnography and Education. London: Longman, 1995. p. 153-159

VYGOTSKY, L. S. Interação entre Aprendizado e Desenvolvimento. In: _____. **A Formação Social da Mente**: O Desenvolvimento dos Processos Psicológicos Superiores. Versão organizada por COLE, Michael et alii. Tradução José Cipolla et alii. São Paulo: Martins Fontes, 1998. p. 103-119.

WENGER, E. **Communities of Practice**: learning, meaning, and identity. Cambridge: Cambridge University, 1998.

WITTGENSTEIN, L. **Investigações filosóficas**. Tradução de Marcos G. Montagnoli. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1996. 350 p.

